

TRÊS HISTÓRIAS,
UM DESTINO

S238t

Soares, R. R.

Três histórias, um destino/ R. R. Soares. — Rio de Janeiro: Graça: 2012.

252pp. 14x21cm.

ISBN 978-85-7343-902-1

1. Ficção cristã I. Título.

CDD-B869.3

DISTRIBUIDOR AMÉRICA DO NORTE

Grace Editorial

1261 E. Sample Rd

Pompano Beach, Fl 33064 - USA.

DISTRIBUIDOR EUROPA

Editora Graça Infinita, Lda.

Avenida Frei Miguel Contreiras nº 16D

CP 1700-211 — Lisboa — Portugal

DISTRIBUIDOR BRASIL

Graça Editorial

Cx. Postal 3001

Rio de Janeiro — RJ - 20010-974, Brasil

DISTRIBUIDOR ÁSIA

Ligth of Truth Trustee

P.B. 8008

Delhi 110033 - India

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

R. R. Soares

Editado por Graça Artes Gráficas e Editora Ltda.



Rio de Janeiro, 2012

Três histórias, um destino

© R. R. Soares, 2012

Revisão e arte: Graça Editorial

Capa: André Braz

Reservados todos os direitos de publicação em português à

GRAÇA ARTES GRÁFICAS E EDITORA LTDA.

Estrada do Guerenguê, 25 (complemento - loja A
Estrada dos Bandeirantes, 1000)

Taquara - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22713-003
Caixa Postal 3001 - Rio de Janeiro - RJ - 20010-974

Tel./fax: (0xx21) 2141-5162

faleconosco@gracaeditorial.com.br

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Prefácio	7
Capítulo 1 - Festival	9
Capítulo 2 - Bênçãos	15
Capítulo 3 - Primeira conversa.....	27
Capítulo 4 - Tempos difíceis	37
Capítulo 5 - Igreja avivada.....	47
Capítulo 6 - Apaixonados	51
Capítulo 7 - Uma vida decadente	59
Capítulo 8 - Tornar-se grande	63
Capítulo 9 - Nuvens.....	71
Capítulo 10 - Enfrentando o <i>bullying</i>	77
Capítulo 11 - Dominando as finanças	83
Capítulo 12 - A proposta	91
Capítulo 13 - Lucro fácil.....	99
Capítulo 14 - Obsessão	105
Capítulo 15 - Amor eterno	111
Capítulo 16 - Sem perspectivas	123

Capítulo 17 - O mundo inteiro saberá	127
Capítulo 18 - A dor da perda	133
Capítulo 19 - Inocência perdida.....	145
Capítulo 20 - Um passo arriscado	151
Capítulo 21 - Por água abaixo	155
Capítulo 22 - Última chance	163
Capítulo 23 - Jogou... E perdeu!	169
Capítulo 24 - Voltando para casa.....	175
Capítulo 25 - Desilusão	181
Capítulo 26 - Uma nova direção	187
Capítulo 27 - Despedido	199
Capítulo 28 - Vivendo uma mentira	207
Capítulo 29 - Pastor de aluguel.....	211
Capítulo 30 - Orações respondidas.....	215
Capítulo 31 - Flerte pecaminoso	219
Capítulo 32 - Perdão	229
Capítulo 33 - Tomando uma posição	239
Epílogo	245

PREFÁCIO

PREFÁCIO

Ao criar o ser humano à Sua imagem e semelhança, o Senhor Deus planejava um lindo futuro para sua criatura – de plena comunhão com Ele. No entanto, ao desobedecer à ordem divina de não comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal (Gn 2.17), o homem provou a separação eterna de Deus – a morte espiritual.

O pecado, então, entrou no mundo, e o homem, por estar separado do Senhor, passou o senhorio da sua vida, que era de Deus, para Satanás, experimentando, assim, dor e sofrimento. No entanto, o Altíssimo, por amar a humanidade, tinha um plano e o cumpriu: resgatá-la para Si mediante o sacrifício de Seu Filho Jesus na cruz do Calvário, conforme afirmam as Escrituras: *Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3.16).

O homem, muitas vezes, escolhe trilhar caminhos que lhe parecem fáceis e prazerosos, mas, no fim, só o levarão à morte (Pv 14.12). Ele não percebe que, sem a direção do Senhor, não tem condições de acertar em suas atitudes e ter um “final feliz”. Saiba que as escolhas que fizermos determinarão o que seremos no futuro; se não estiverem firmadas na Palavra de Deus, amargaremos graves consequências.

As histórias que você lerá neste livro retratam vidas que, depois que se enveredaram por caminhos tortuosos e supor-

taram seus terríveis resultados, viram-se diante do Único capaz de aliviar tão pesados fardos e restaurar aquilo que estava quebrado – o Senhor Jesus. Foi o próprio Mestre que disse: *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei* (Mt 11.28). É bom crer nesta Palavra!

Pode ser que você se identifique com alguma destas histórias – ou conheça alguém que tenha passado por situações semelhantes. Lembre-se de que Deus, o nosso Pai, vai em busca da Sua ovelha perdida e, quando a encontra, alegra-Se e a devolve ao aprisco, de onde ela nunca deveria ter saído (Lc 15.5.6).

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'P. A. Soares', is centered on the page. The signature is fluid and cursive, with a large initial 'P' and 'A'.

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1

FESTIVAL

Era o primeiro festival ao ar livre daquele ano. A primavera acabara de chegar após um longo e tenebroso inverno. Todos estavam ansiosos para abrirem suas janelas e portas e saírem para passear e desfrutar do agradável calor. Era um dia perfeito para um evento como esse. Dois quarteirões no centro da cidade foram interditados em função desse evento monumental. Viaturas policiais impediam qualquer trânsito de veículos, permitindo apenas a passagem de pedestres. As pessoas aglomeravam-se para um dia de diversão, e o local estava abarrotado.

Bethlehem era conhecida pelo artesanato, pelas feiras e paradas. Aquele era o dia de um dos maiores eventos do ano. As mesas dos feirantes estavam tão próximas umas às outras, que era quase impossível circular entre elas, mas, talvez, essa disposição fosse intencional. Parecia que a cidade inteira estava ali. Uma banda local tocava em um palanque suficientemente elevado, para que ela pudesse ser vista pela multidão, e caixas acústicas estrategicamente posicionadas distribuíaam o som por toda a feira. Barraquinhas ofereciam suas mercadorias; tudo era válido na tentativa de vender os

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

produtos e obter uns bons trocados. Era a alta temporada, e os vendedores estavam preparados.

O cheiro de fritura, característico desse tipo de festa, permeava o ar, fazendo as pessoas ficarem com a boca cheia d'água. Esse era o objetivo, claro — fazê-los sentir fome e correr atrás das guloseimas primeiro. Tudo o que se possa imaginar era oferecido ali, desde os tradicionais refrigerantes, algodão-doce, cachorros-quentes, amendoins e pastéis gigantes até *cookies* e *brownies* caseiros da vovó. Com relação à comida, havia para todos os gostos.

Caio fora criado em Nova Jérsei e conhecia a cidade a fundo. As ruas eram como uma segunda casa para ele, pois aprendera a tirar seu sustento delas desde a sua adolescência e nunca fora surpreendido. Filho único de pais que trabalhavam fora o dia inteiro, ficava sozinho em casa. Pode-se dizer que era um daqueles garotos que voltavam para um lar vazio após a aula. Às vezes, perguntava-se se ele mesmo não fora um acidente de percurso, tamanha a falta de atenção dos pais. Devido à sua natureza tranquila nunca havia causado problemas na escola ou de qualquer outra ordem —, os pais de Caio não viam necessidade de passar tempo de qualidade com o filho. Ele estava indo muito bem — pelo menos era nisso que acreditavam.

Hoje nada estava diferente, embora não fosse mais adolescente, mas, sim, um jovem de 20 anos. Ele estava “trabalhando”. Conhecia o território como a palma da mão. Observava, circulava, parava, ouvia e depois circulava mais um pouco até achar o momento perfeito. Ele contava com a sorte, que nunca o abandonara desde que escolhera essa “vocação” aos 12 anos. Havia dominado sua “profissão”, mas era suficientemente esperto para não se tornar convencido ou arrogante.

FESTIVAL

Sua aparência atraente — alto, esbelto, com cabelos bem-
-aparados e olhos castanho-claros — inspirava confiança em todos
aqueles que o viam. Ninguém jamais desconfiou de coisa alguma
— nem mesmo seus pais, os quais ele raramente encontrava mesmo
depois de adulto. Caio saiu de casa aos 18 anos para morar com um
colega e nunca mais voltou. Acostumou-se a se virar sozinho.

De repente, viu o primeiro alvo em uma das barracas de
artesanato: um casal de meia-idade. Concentrou a atenção no
marido. Com uma olhada de soslaio, percebeu que a esposa se
encantara com um pote para biscoitos, de aparência pavorosa.
Ao ver a expressão do rosto do esposo, chegou a sentir uma
fisgada de empatia. Não pôde deixar de ouvir a conversa dos
dois ao se aproximar, antes de dar um leve esbarrão naquele
senhor — distraído pela discussão sobre a peça de cerâmica
— e furtrar a carteira dele.

— Ah, amei esta peça. — disse a mulher ao marido,
pegando a jarra para olhá-la mais de perto.

— Sério? Para que serve?

— É um pote para guardar biscoitos. Ah, benzinho, me
dá, me dá! Eu quero!

— Com licença. Como vai? Desculpe-me. — resmungou
Caio, dando um jeito de escapar rapidamente.

Regra número um: nunca permaneça na cena.

“Moleza”, pensou, já armando o próximo golpe.

Logo depois, viu uma mulher obesa, sozinha, perto
da barraquinha de um feirante, devorando avidamente
alguns bolinhos.

“Tá no papo”, pensou, com um sorriso de malícia.

No entanto, Caio não atacou sua vítima imediatamente;
seria muito óbvio. Em vez disso, caminhou lentamente, parando

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

em várias barracas, pegando uma peça de artesanato aqui e acolá, examinando-as e colocando-as de volta, mantendo sempre a mulher em seu campo de visão.

Ao se virar para sair de uma barraca, esbarrou em um casal sem querer, fazendo com que o homem soltasse as sacolas que estava carregando.

— Desculpe, desculpe. — disse ele em voz baixa, dando um jeito de sair dali o mais rápido possível.

A última coisa que ele queria era uma plateia. Porém, ao se virar para seguir em uma direção contrária, Caio quase derrubou um reverendo.

— Ops, perdão, padre.

Recuperando a calma após esses desastres em potencial, lentamente se aproximou do novo alvo. Percebeu que a senhora ainda estava com a bolsa meio aberta pendurada no ombro. Chegou de maneira educada, puxando papo.

— Muito bom, né? — comentou com um sorriso, revelando dentes brancos e perfeitos.

Com a boca cheia, a mulher só conseguiu menear a cabeça. Caio passou por ela rapidamente, surrupiando a carteira com suas mãos levíssimas. Passou a andar mais depressa, evitando qualquer contato visual com os transeuntes, e dirigiu-se a uma via paralela menos movimentada.

Logo se livrou das carteiras, depois de retirar todo o dinheiro, em uma das grandes lixeiras públicas espalhadas pela cidade. Sem tempo para contabilizar os ganhos, enfiou as notas no bolso da calça e decidiu voltar ao festival. Antes de atravessar a rua, algo chamou a atenção dele: uma igrejinha, com um campanário alto apontando para o céu, e uma cruz bem no topo. Parou por alguns minutos, imaginando se

FESTIVAL

Deus realmente via o que ele estava fazendo, e se, um dia, ele teria de prestar contas a Ele. “Talvez sim”, pensou, mas imediatamente procurou livrar-se desse sentimento antes que a culpa se apoderasse de sua consciência.

Voltando à agitação da festa, achou prudente esperar um pouco antes de atacar mais uma vez. Para se misturar aos demais, parou para tomar um cafezinho. Não havia necessidade de pressa; ele tinha o dia inteiro.

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 2

BÊNÇÃOS

Toda a congregação da Calvary Faith Church [Igreja da Fé no Calvário] amava o Pr. Frank. Chegara como pastor assistente havia cinco meses, com a promessa de ser promovido a titular por ocasião da aposentadoria do Rev. Mathias. Era exatamente a oportunidade pela qual ele esperava. O seu rebanho anterior, a pequena congregação de Divine Hope [Esperança Divina], em Reading, Nova Jérsei, com menos de cem membros, perdera seu encanto. Naquela igreja independente, não havia esperança alguma de crescimento, nem para ele mesmo, nem para seu ministério. Ninguém ali gostava de mudança; conseqüentemente, as coisas nunca se alteravam.

O Pr. Frank encontrou seu futuro na cidade vizinha de Bethlehem, onde as oportunidades com as quais sempre sonhara poderiam se tornar realidade. Ao saber dessa chance, imediatamente se candidatou. Foi entrevistado pelos membros da diretoria e contratado na hora. A igreja era três vezes maior do que sua congregação anterior, porém os membros estavam se afastando rapidamente. A igreja precisava ser avivada, por isso algo tinha de ser feito com urgência.

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

Todos esperavam que o Rev. Mathias, já com mais de 70 anos, se aposentasse logo, mas não havia nenhum aviso formal para isso. A diretoria não se sentia à vontade em forçá-lo a sair; afinal de contas, aquele fora seu santuário por mais de 25 anos. A solução, portanto, foi contratar um pastor assistente. Temendo a dissolução total da congregação, a diretoria decidiu por unanimidade contratar o Pr. Frank na esperança de aumentar o rol de membros e salvar a igreja.

Frank enxergou isso como um sinal, como se Deus estivesse orientando-o sobre como ensinar Seu povo. Ele e sua esposa, Anne, empacotaram seus pertences, colocaram a modesta casa à venda e mudaram-se. Estavam animados com a perspectiva de um novo começo e tinham fé no coração de que essa seria a igreja onde poderiam compartilhar sua visão de construir um ministério vibrante. A paixão de Frank era ser um evangelista mundial, e ele tinha certeza de que esse era o momento.

Membros que, havia anos, não frequentavam a igreja não conseguiram conter a curiosidade e foram ouvir o novo pregador. Uma vez que constataram no Pr. Frank a vitalidade e o espírito fervoroso para com Deus, sua pregação tornou-se uma febre que tomou conta da congregação, a qual logo cresceu novamente, conforme aqueles que se haviam afastado começavam a voltar.

Com a abordagem revigorante do Pr. Frank, a igreja ia rejuvenescendo, e ele se tornava cada vez mais popular. Ele apresentava muitas ideias para fazer com que a congregação crescesse como comunidade, as quais ele compartilhava com os membros da diretoria. Estes se mostraram receptivos e gratos por suas atitudes proativas. Pela primeira vez em 12

BÊNÇÃOS

anos de ministério, ele se sentia liberto. Agora, tinha condições de realmente fazer a obra do Senhor.

Embora já com mais de 40 anos, Frank possuía o carisma e o vigor de um jovem, e as mulheres eram atraídas ao novo pastor como a um ímã. Um homem de boa aparência, estatura mediana, cabelos pretos e olhos castanho-escuros, que transmitia confiança em cada palavra pronunciada, apreciava a atenção respeitosa que lhe prestavam devido à sua posição pastoral. Até os jovens estavam voltando à igreja para ouvir uma mensagem mais atual, e não uma cheia de condenação e ameaças de fogo e enxofre. A congregação acreditava que seus sermões eram genuínos e fluíam de seu coração. Assim, a comunidade inteira o recebeu de braços abertos.

O Pr. Frank passava a assumir cada vez mais as responsabilidades do Rev. Mathias. Era Frank quem preparava e pregava a maioria dos sermões, e a diretoria estava muito contente em ver os bancos lotados de novo e a salva de ofertas aumentando semana após semana. Sempre que o jornal da igreja avisava que o Pr. Frank presidiria o culto, a igreja lotava; porém, quando o aviso era de que o Rev. Mathias o faria, a frequência diminuía de modo considerável. Ninguém, contudo, esperava que Frank assumisse completa responsabilidade pela igreja tão rapidamente.

Isso aconteceu depois de certo domingo, em que o Rev. Mathias ficou em pé atrás do púlpito e olhou rapidamente para a congregação. Em seguida, com hesitação, preparou-se para iniciar a mensagem. As pessoas perceberam que havia algo diferente nele naquele dia e esperaram pacientemente até que sua preleção começasse. Faltava-lhe a emoção, marca registrada de seus sermões. Sem nenhuma expressão no rosto, começou sem preâmbulos.

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

— Então, o Senhor nos compele a levá-IO em nosso coração e a pregar Sua Palavra àqueles que, por algum motivo, estão fechando seus ouvidos. E levar salvação, aquela salvação que todos almejamos alcançar, e mostrar o caminho para alcançar essa salvação, e acender a chama nos corações que estão em trevas. Jesus tomou o pão e o partiu. — disse ele, sem convicção.

Enquanto falava, pausava várias vezes, como se tentasse organizar as ideias; depois, recomeçava até ficar sem palavras novamente. No canto do palco, estendeu a mão para pegar um pedaço de pão no cesto, representando o corpo de Cristo, mas, em vez de segurá-lo, abaixou a cabeça por um segundo, virou-se e desceu, sem sequer olhar para os poucos membros da congregação que, atônitos, observavam seu comportamento.

Frank estava sentado em um dos bancos e não acreditou no que acabara de assistir. Então, teve a presença de espírito de se levantar e se posicionar atrás do púlpito deixado vago pelo Rev. Mathias. A congregação ainda estava confusa, porém Frank conseguiu captar sua atenção e prosseguir com a mensagem. Pegou um pedaço de pão e, levantando-o bem alto para que todos pudessem vê-lo, continuou do ponto em que o reverendo havia parado. Foi sua consagração oficial como o novo pastor titular.

— Este é meu Corpo e este é o meu Sangue. — retomou Frank.

Comeu um pedaço de pão, bebeu uma porção diminuta de suco de uva, representativo do sangue de Jesus, e, em seguida, ofereceu a Santa Ceia a todos os que foram à frente.

Depois daquela constrangedora manhã, o Rev. Mathias nunca mais voltou à igreja tampouco foi visto, causando muita especulação sobre o que acontecera. Ele não quis

BÊNÇÃOS

receber algumas irmãs da igreja que foram visitá-lo e jamais atendia ao telefone. Como era viúvo e morava sozinho, era fácil manter a privacidade. Obviamente, esse comportamento estranho daquele que fora pastor por tantos anos deu início a uma série de boatos na comunidade. Alguns suspeitavam de uma doença incurável; outros, de que havia caído em depressão profunda; porém, nada foi comprovado. Na ânsia por qualquer tipo de informação, os membros inventavam suas próprias teorias, espalhando-as como verdadeiras.

O Pr. Frank era constantemente bombardeado com perguntas sobre o estado do reverendo, mas também não tinha nada a relatar. Ele também estava chocado porque o Rev. Mathias se recusava a falar com ele. Considerava isso um insulto pessoal muito difícil de aceitar. Tentou inúmeras vezes contato com ele, mas sempre em vão. Foi como se algo tivesse provocado uma estafa repentina no antigo pastor titular.

Com o passar das semanas, o assunto deixou de ser tão comentado. Por outro lado, Frank percebia a incerteza estampada nos rostos dos fiéis cada vez que se levantava para pregar domingo de manhã. Embora não houvesse dúvida quanto à sua aceitação como pastor titular, ainda assim aquela situação era um transtorno emocional, e ele temia pela incerteza que isso pudesse gerar. A maioria dos membros estava pronta para a transição devido à aposentadoria do Rev. Mathias, mas aquele panorama era completamente diferente do esperado.

Após a saída abrupta do reverendo, o Pr. Frank recebeu um telefonema das autoridades, as quais o informaram de que seu antecessor havia falecido. Um vizinho, desconfiado de que algo estava errado, chamou a polícia para verificar se estava tudo bem na casa do reverendo. Chegaram e tocaram a campainha, mas

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

não houve resposta. Dando a volta, acharam a porta da cozinha destrancada e entraram. Ele estava deitado na cama, como se tivesse ido dormir. Aparentemente, partira em paz.

O Pr. Frank informou sobre a morte aos membros da igreja e tomou as providências junto à funerária para o enterro. Até onde eles sabiam, não havia ninguém para contatar, nem filhos ou parentes distantes. O reverendo morreu sozinho, deixando apenas a comunidade para lamentar sua partida.

O enterro aconteceu em um dia cinzento, com nuvens pesadas no horizonte, prontas para descarregar uma chuva torrencial a qualquer momento. Frank preparara um sermão especial, tentando destacar os momentos importantes da vida do Rev. Mathias. No entanto, ao preparar a homenagem, percebeu que sabia pouco a respeito desse homem com quem compartilhara o pastoreio da congregação. “Era um sinal da fraca comunidade existente ali”, pensou. Estabeleceu um propósito em seu coração de que as coisas seriam diferentes daquele dia em diante. Ele não queria decepcionar as pessoas como o fez o Rev. Mathias; pelo menos, era assim como ele entendia aquela situação.

Como era de se esperar, a igreja estava superlotada para aquela ocasião especial. Após um discurso curto, que ele julgava adequado para a circunstância e aceitável para seus ouvintes, destacando os aspectos positivos do falecido pastor, os membros saíram em cortejo até um cemitério pequeno não muito distante da igreja. Nem todos foram, pois o grupo ao redor do caixão era bem menor do que aquele na igreja. O Pr. Frank fez uma oração de despedida, e o corpo do reverendo foi colocado no lugar de descanso permanente. Infelizmente, o tributo final teve de ser apressado devido ao mau tempo.

BÊNÇÃOS

Assim que Frank assumiu completamente a responsabilidade pela igreja, seus temores foram abrandados. Apesar das circunstâncias pelas quais isso veio a acontecer, ele sentia orgulho de presidir o ministério mais rico daquela região. Era o início de um novo capítulo em sua vida como servo do Senhor, momento pelo qual ele havia esperado por tanto tempo. Agora, ele estava no comando, e aquele era o povo dele. Já tinha planos de aumentar o santuário da igreja. Isto era certo: a igreja cresceria.

Uma semana depois, o culto estava novamente lotado, para a alegria do Pr. Frank. Era um bom sinal, e ele se sentiu ainda mais confiante. O desmoronamento aparente da congregação sob a tutela do Rev. Mathias fora revertido, e as perspectivas pareciam mais favoráveis, indicando a recuperação da igreja. Hoje, a congregação precisava entender a visão de crescimento que Frank tinha e, portanto, a necessidade de mais, muito mais fidelidade no que se referia ao dízimo, a fim de que seus planos se tornassem realidade. Ele tinha certeza de que teria o apoio dos membros quando começasse seu discurso cuidadosamente preparado:

— Antes de cantarmos o último hino nesta manhã, queria dizer-lhes que é por causa de sua devoção a este ministério, de sua generosidade nestes últimos meses a esta igreja que, agora, temos condições de comprar o terreno onde construiremos nosso novo lar. — anunciou ele. — E não se esqueçam do nosso novo centro de aprendizagem. O negócio ainda não foi fechado, mas fizemos uma oferta de compra do terreno. Todos concordam que essa aquisição é fundamental para o crescimento deste ministério. A todos aqueles que já contribuíram tanto agradeço do fundo do meu coração, e o Senhor também lhes agradece.

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

Ele fez uma pausa estratégica para que assimilassem suas palavras; depois, continuou com o apelo por mais apoio financeiro:

— Peço a todos aqueles cuja fé acaba ou sofre uma pausa no momento exato que a salva está passando: reflitam sobre o alimento espiritual que vocês têm recebido neste lugar sagrado, tanto do Rev. Mathias como, eu espero, de mim também. Depois, quero que meditem sobre a festa espiritual de que todos nós desfrutaremos quando estivermos no nosso novo lar, quando ele se tornar uma realidade. Precisaréi do auxílio de vocês como nunca antes. Preciso de um esforço redobrado.

Ele percebeu uma nuvem de incerteza na expressão da plateia, mas estava confiante de que a congregação não deixaria de ajudá-lo. Sua esperança era que seu próprio zelo contagiasse seus ouvintes, levando-os a recorrerem aos seus cofres com muita generosidade a fim de contribuir para o projeto. Ele contava com isso, e o tempo urgia. Já inspecionara o local, só lhe faltavam os recursos para que aquilo se tornasse realidade.

— Bom, quando se trata de pedir dinheiro, não consigo ser mais ousado do que isso; portanto, vamos cantar mais um hino antes de sairmos para o nosso piquenique neste dia tão lindo, este dia que o Senhor nos fez. *Quão grande és Tu* — tenho certeza de que esse hino fala da maravilhosa salada de maionese que nossa irmã Mattie preparou.

Era um dia perfeito para um piquenique. Todos se dirigiram à área externa da igreja a fim de aproveitar o agradável dia de sol. No fundo da igreja, as mesas já estavam postas, ostentando pratos com deliciosas receitas caseiras. Frank ficou em pé perto dos degraus da entrada principal da igreja, cumprimentando seus alunos da Palavra de Deus com um sorriso e um aperto de mão, dando mais atenção aos que desejavam comentar

BÊNÇÃOS

sobre o sermão. Ele gostava de receber elogios e, muitas vezes, era pretensioso. Apesar disso, cria sinceramente que estava servindo bem à sua comunidade.

Um pouco depois, ao lado do prédio de tijolos à vista, ele foi cercado por um grupo de mulheres que gostavam de se reunir ao redor do pastor. Ele curtia a atenção de seu rebanho e sabia usar sua personalidade carismática para encantar seus ouvintes.

Anne, a esposa do Pr. Frank, tinha cabelo castanho-avermelhado até os ombros e era uma mulher atraente. Ela chegou com um prato de comida e entregou ao marido, ajuntando-se ao grupo. Formavam um casal que chamava a atenção. Sorridente, ela ficou em pé atentamente ao seu lado como uma esposa submissa, ouvindo a conversa sem dar contribuição alguma. Era o ministério do marido, e ela o apoiava sem acrescentar seus próprios pensamentos. Após viver com ele por quase 15 anos, aprendera a não interferir quando ele estava trabalhando. Afinal de contas, a opinião dela era meramente apenas isto: a opinião dela. Já as palavras dele, por sua vez, eram divinamente inspiradas, ordenadas por Deus.

Anne amava o marido e acreditava nele. Seu único remorso era de ordem bem pessoal: o fato de não terem um filho. Seu coração doía quando ela se permitia refletir sobre isso, ou quando via um bebê com a mãe. Contudo, chegara à conclusão de que esse não era plano de Deus para eles e consolava-se ajudando o marido a desenvolver o ministério.

Enquanto o Pr. Frank ouvia as mulheres batendo papo ao seu redor, cada uma tentando conquistar sua atenção exclusiva, sua mente divagava. “Sou o homem mais feliz e realizado que conheço. Agora, tenho uma congregação próspera e envolvida, que aumentou desde que me tornei pastor titular. Este é um

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

período de abundância sem limites, tanto com relação ao Espírito Santo como na questão dos recursos que precisamos para aumentar essa igreja, a minha igreja”, pensou, ao refletir sobre a tarefa de levantar o dinheiro. “Sim, Deus há de me abençoar com uma nova igreja. Por que não o faria?”. Era um homem de Deus, e o Senhor faria com que a congregação contribuísse generosamente. Sobre isso não havia a menor dúvida em sua mente.

Quando o piquenique começou a se esvaziar, Frank e Anne também foram embora com vários potes de sobras, muito mais do que precisavam. A viagem de volta para a casa recém-comprada foi agradável, e os dois tinham total consciência da casa pequena e da comunidade simples de onde vieram. A transição ainda era muito nova para Anne. Ela valorizava tudo o que haviam adquirido e, como o marido, acreditava que essa mudança era a vontade de Deus para eles. A casa tinha o dobro do tamanho da anterior e localizava-se em um bairro bem mais nobre. O jardim era maravilhoso, um projeto de paisagismo meticuloso. O interior era tão lindo quanto o exterior de granito e tijolo à vista. Com o salário da igreja, compraram mobília, e Anne decorou a casa com o estilo americano tradicional. Frank estava moldando sua vida para refletir certa elegância, e Anne jamais o questionaria, pois ela também saía ganhando com suas decisões.

Ao voltarem para casa, colocaram todos os potes em cima da bancada de mármore preto. Anne começou a procurar espaço na geladeira para guardar toda a comida.

— Foi muito legal hoje. Que bom que o tempo colaborou. — comentou Anne.

— Foi bom mesmo. Não consigo entender por que todo mundo pensa que precisamos de mais comida. Será que estou com cara de desnutrido?

BÊNÇÃOS

— Estão apenas tentando agradar ao novo pastor. Você deveria estar agradecido. — respondeu ela com um sorriso.

— Não entendo por que querem me agradar. Não sou a pessoa a quem deveriam tentar agradar primeiro.

— É lisonjeiro. Não há problema algum. Depois levo essa comida ao abrigo; lá nunca é demais.

— Se querem realmente me agradar, devem devolver os dízimos em dia para que possamos construir o novo templo. Ah, não dê as uvas, são fabulosas. — disse ele, catando o pote e colocando-o de lado no balcão.

— Como foi a oferta? Coloque isso no armário. — disse ela, entregando-lhe um prato de comida.

— Bem, poderia ter sido melhor. Não vejo Mike DeMint contribuindo. A empresa de construção dele faturou mais de 20 milhões de dólares ano passado. E o que ele faz? Coloca dez dólares na salva, come mais no piquenique do que todos os outros e, depois, vai embora sem dizer uma palavra.

— Bom, são dez dólares a mais. O dinheiro virá, sempre vem.

— Enquanto não vem, preciso dar o sinal para comprar o terreno amanhã. Vou assinar o contrato de manhã.

— Mas você tem o dinheiro, não tem? — perguntou ela, preocupada.

— Só uma parte. Terei de sacar da conta pessoal.

— Isso quer dizer que... — começou ela, mas ele logo a interrompeu.

— Não, não, está tudo bem. Vou precisar me virar e torcer para que os membros mais abastados entendam a mensagem logo.

A poeira havia assentado. Embora a igreja ficasse quase lotada todo domingo de manhã, a salva, não. Frank estava

TRÊS HISTÓRIAS, UM DESTINO

preocupado com o fato de que o povo não estava entendendo a seriedade do pedido de aumento das ofertas.

Anne estava acostumada às reclamações do marido (sempre bem fundamentadas) acerca da igreja. Sabia muito bem qual era o chamado dela: dar apoio ao marido. Com um sorriso reconfortante, foi até ele e o abraçou.

— Bom, essa é sua especialidade. Pregue mensagens que os incentive a contribuir.

— Acaba ficando meio cansativo. Em quantos domingos já preguei sobre darem mais? Nada acontece.

— Mas a questão não é o dinheiro, você sabe disso. É o nosso compromisso com a igreja. A gente aguenta firme, Pr. Frank.

Sem dar resposta àquela bronca suave, pensou: “Se ela apenas entendesse que é, sim, uma questão de dinheiro. Ah, sim, é uma questão de dinheiro”.

Frank saiu da cozinha e foi para o escritório. Precisava remanejar as finanças. Não queria sacar de suas economias pessoais, mas tinha certeza de que seriam repostas assim que os membros entendessem a necessidade de contribuírem mais. Ele precisava envolver mais a comunidade em sua visão; talvez, assim, entendessem melhor sua exigência de aumentarem os dízimos. Frank decidiu abordar o assunto de maneira diferente no domingo seguinte.